



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

CAPACITAÇÃO EM BIBLIOTERAPIA PARA INTERVENÇÃO EM AMBIENTE
ESCOLAR DIRECIONADA A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA

Andrea Christina Carvalho Barroso
Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2023

Andrea Christina Carvalho Barroso

CAPACITAÇÃO EM BIBLIOTERAPIA PARA INTERVENÇÃO EM AMBIENTE
ESCOLAR DIRECIONADA A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA

Monografia apresentada como parte das
exigências para obtenção do título de
Bacharel em Biblioteconomia pela
Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2023

Ficha catalográfica

B227

BARROSO, Andrea Christina Carvalho.

Capacitação em Biblioterapia para Intervenção em Ambiente Escolar Direcionada a Crianças com Transtorno do Espectro Autista / Andrea Christina Carvalho Barroso – Brasília, 2023.

49 f.

Orientação: Prof. Dr. Rita de Cássia do Vale Caribé
Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Capacitação. 2. Biblioterapia 3. Transtorno do Espectro Autista. I. Título.

CDU 616.896:028.8(073)

FOLHA DE APROVAÇÃO

- 1. Título: CAPACITAÇÃO EM BIBLIOTERAPIA PARA INTERVENÇÃO EM AMBIENTE ESCOLAR DIRECIONADA A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Autor(a): Andrea Christina Carvalho Barroso

Monografia apresentada em **20 de Dezembro de 2023** à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador(a) (FCI/UnB): Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Ivette Kafure Muñoz

Membro Interno (FCI/UnB): Dra. Michelli Pereira da Costa



Documento assinado eletronicamente por **Ivette Kafure Munoz** Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciências da Informação em 27/12/2023, às 09:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Michelli Pereira da Costa** Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciências da Informação em 27/12/2023, às 10:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Rita de Cassia do Vale Caribé** Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciências da Informação em 27/12/2023, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10737014** e o código CR**01E9D8B**.

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho primeiramente aos meus pais que, mesmo sem saber a princípio e com todas as dificuldades resultantes, me deram todo o apoio e as ferramentas necessárias para me desenvolver social e academicamente enquanto uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que obteve um diagnóstico tardio e continuam me apoiando nessa jornada de autoconhecimento desde então. Não obstante o dedico as minhas irmãs que todos os dias me ajudam a não apenas me adaptar, mas também a buscar formas de adaptar o mundo a minha volta para lidar melhor com pessoas com TEA, tornando o menos desafiador possível a experiência de vida das futuras gerações que façam parte desse espectro.

Dedico também ao leitor, que esse trabalho venha a abrir seus olhos para os desafios enfrentados por indivíduos com TEA, assim como para formas de possibilitar que experiências comuns se tornem menos desafiadoras para essas pessoas no dia a dia.

E por fim dedico a todas as pessoas com TEA que, por terem tido um diagnóstico tardio ou por não receberem o nível de suporte que precisavam, enfrentaram ou enfrentam dificuldades sociais ou intelectuais que poderiam ter sido evitadas, que este trabalho proporcione àqueles que vierem depois de nós a chance de ter acesso às ferramentas, tratamento e principalmente o reconhecimento das dificuldades que por vezes nos foram negligenciados por falta de conhecimento ou capacitação adequada nesta área.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me capacitar e me dar forças diante de todos os desafios que surgiram, sem Ele eu não seria nada. E agradeço muito a minha orientadora Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé, que me acompanhou durante todo o processo de escrita deste trabalho com toda a paciência e o incentivo que se fizeram necessários para lidar com momentos de *shutdowns* e disfunção executiva pelos quais passei durante este processo.

RESUMO

O presente trabalho explora o potencial da biblioterapia como uma abordagem terapêutica complementar para crianças com o transtorno do espectro autista (TEA). A pesquisa identificou a necessidade urgente de capacitação especializada para bibliotecários que desejam atuar nesta área uma vez que essas não são ofertadas atualmente. O texto inicia com uma breve introdução ao TEA, destacando suas características marcantes, além de discutir as vertentes da biblioterapia clínica e desenvolvimental, ressaltando a possibilidade de que esta tenha um papel complementar à psicoterapia. Também são explorados os benefícios da aplicação da biblioterapia ao TEA, destacando sua natureza multidisciplinar e a possibilidade de implementação tanto em ambientes clínicos quanto escolares, auxiliando no desenvolvimento acadêmico e psicossocial de crianças com TEA. Destaca-se a importância da seleção adequada de materiais e do processo de acompanhamento pós aplicação do processo de biblioterapia para garantir a continuidade desse desenvolvimento. Para a aplicação da biblioterapia em ambientes escolares, é destacada a importância da formação específica dos profissionais envolvidos, incluindo professores, psicólogos e bibliotecários, e são discutidas as capacitações necessárias, considerando as demandas extras que crianças com TEA podem apresentar. O trabalho finaliza com a apresentação de um modelo de curso de capacitação para bibliotecários escolares que pode ser adaptado para desenvolvimento em diferentes instituições de ensino superior. O curso abrange conteúdos essenciais para a aplicação da biblioterapia ao TEA, como: Fundamentos da biblioterapia; Transtorno do Espectro Autista; Seleção e adaptação de materiais; Processo de biblioterapia; Avaliação dos resultados. A capacitação de bibliotecários para atuar na biblioterapia com crianças com TEA é essencial para garantir uma intervenção eficaz e inclusiva que proporcione maior possibilidade de inclusão e desenvolvimento de crianças com este transtorno. O modelo de curso apresentado no texto é uma contribuição importante para suprir essa lacuna atualmente existente no contexto brasileiro.

Palavras-chave: biblioterapia, TEA, transtorno do espectro autista e capacitação.

ABSTRACT

The present paper explores the potential of bibliotherapy as a complementary therapeutic approach for children with autism spectrum disorder (ASD). The research identified the urgent need for specialized training for librarians who wish to work in this area since these are not currently offered. The text begins with a brief introduction to ASD, highlighting its defining characteristics, besides discussing the strands of clinical and developmental bibliotherapy, emphasizing the possibility of this playing a complementary role to psychotherapy. The benefits of applying bibliotherapy to ASD are also explored, highlighting its multidisciplinary nature and the possibility of implementing it in both clinical and school environments, supporting the academic and psychosocial development of children with ASD. The importance of the appropriate material selection and post-application follow-up of the bibliotherapy process is emphasized to guarantee this development's continuity. For the application of bibliotherapy in school environments, the importance of specific training for the professionals involved is highlighted, including teachers, psychologists, and librarians, and the necessary training is discussed, considering the extra demands that children with ASD may present. The paper concludes with the presentation of a training course model for school librarians that can be adapted for development in different higher education institutions. The course encompasses essential content for the application of bibliotherapy to ASD, such as: Fundamentals of bibliotherapy; Autism Spectrum Disorder; Selection and adaptation of materials; Bibliotherapy process; Evaluation of results. The training of librarians to work in bibliotherapy with children with ASD is essential to ensure an effective and inclusive intervention that offers a greater chance of inclusion and development for children with this disorder. The course model presented in the text is an important contribution to bridging this gap that currently exists in the Brazilian context.

Keywords: bibliotherapy, ASD, autism spectrum disorder and training

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição

TEA – Transtorno do Espectro Autista

ALA - The American Library Association

NAPT - The Nacional Association of Poetry Therapy

IES - Instituições de Ensino Superior

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Trabalhos recuperados na base Proquest.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: áreas a serem abordadas em uma capacitação em biblioterapia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	16
2.2. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	17
2.2.1. Objetivo geral	17
2.2.2. Objetivos específicos	17
3. REVISÃO DE LITERATURA	17
3.1. O QUE É BIBLIOTERAPIA	18
3.2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	20
3.3. BIBLIOTERAPIA APLICADA AO TEA.....	21
3.4. BIBLIOTERAPIA APLICADA AO TEA EM AMBIENTE ESCOLAR.....	21
3.5. PROPOSTA DE AKGUN E BELLI	26
3.6. CAPACITAÇÃO EM BIBLIOTERAPIA	28
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	31
6. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	34
7. REFERÊNCIAS	36
8. APÊNDICES.....	38
9. ANEXO.....	47

2. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição que anteriormente era concebida como um distúrbio exclusivo do desenvolvimento infantil, atualmente é compreendida como um espectro abrangente que impacta a comunicação social, a interação e manifesta padrões restritos ou repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Este transtorno, categorizado pelo DSM-5(2013), afeta indivíduos em diferentes níveis de suporte, muitas vezes resultando em desafios comunicacionais ou comportamentais que podem levar a episódios de autolesão, agressividade ou comportamentos considerados inapropriados.

No Brasil, estima-se que cerca de 6 milhões de pessoas vivam com TEA, sendo que uma em cada 32 crianças é diagnosticada até os 8 anos de idade. Recentemente, houve um aumento expressivo nos diagnósticos, impulsionado pelo crescente interesse público e pela desmistificação do tema em plataformas como Instagram e TikTok. Este aumento na conscientização trouxe consigo a busca por profissionais especializados para identificar o transtorno.

Nesse contexto, a biblioterapia surge como uma opção complementar de tratamento. Ela se baseia na apresentação de obras que abordam o TEA, facilitando a compreensão e aceitação do problema, proporcionando esperança e evidenciando a possibilidade de superação dos desafios trazidos pelo transtorno. No entanto, apesar da eficácia potencial da biblioterapia, a falta de cursos específicos para bibliotecários, particularmente no contexto do TEA, destaca a necessidade urgente de capacitação especializada. Este déficit é evidenciado pela pesquisa de Correa e Spudeit (2013), que revela a ausência de uma abordagem adequada em muitos currículos de biblioteconomia no Brasil, reforçando a importância de desenvolver capacitações específicas nesta área.

A presente pesquisa teve como objetivo explorar o campo da biblioterapia aplicada ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Utilizando a base Proquest e critérios específicos de busca, foram selecionados 412 textos completos e revisados por especialistas. Após uma análise criteriosa, a narrativa foi construída com base nas informações obtidas.

Foram discutidas as vertentes da biblioterapia clínica e desenvolvimental, ressaltando seu papel complementar à psicoterapia. Destaca-se a importância da seleção adequada de materiais e do processo de acompanhamento.

Em seguida é apresentado o Transtorno do Espectro Autista (TEA), desde sua descrição inicial por Leo Kanner (1943 apud Schmidt; Bosa, 2003) até a definição atual do DSM-5. Destacam-se suas características marcantes, incluindo prejuízo na comunicação social e padrões restritos de comportamento.

Também é explorada a aplicação da biblioterapia ao TEA, destacando sua natureza multidisciplinar e a possibilidade de implementação tanto em ambientes clínicos quanto escolares. A biblioterapia é vista como uma ferramenta que pode contribuir para o desenvolvimento psicossocial de crianças com TEA.

Para a aplicação específica da biblioterapia em ambientes escolares destaca-se a importância da formação dos profissionais envolvidos, incluindo professores, psicólogos e bibliotecários. São discutidas adaptações necessárias, considerando as demandas extras que crianças com TEA podem apresentar.

O presente trabalho visa proporcionar uma compreensão abrangente da biblioterapia como uma abordagem terapêutica aplicada ao TEA, considerando suas nuances e adaptações necessárias para garantir uma intervenção eficaz e inclusiva.

Na vasta gama de abordagens existentes na literatura sobre biblioterapia, destaca-se a proposta de Akgun e Belli (2019), que delinea um modelo em 10 passos para a implementação dessa prática em ambientes escolares. Este modelo é especialmente relevante ao direcionar-se à biblioterapia voltada para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os passos abrangem desde o estabelecimento de relações positivas, a escolha de materiais que despertem interesse nas crianças, até a avaliação dos resultados obtidos. Neste contexto, a sensibilidade na seleção de livros apropriados, o envolvimento dos pais e a definição de metas específicas emergem como elementos cruciais para o sucesso desse processo terapêutico. Além disso, é explorada a necessidade de capacitação abrangente para profissionais, destacando a importância de conhecimentos multidisciplinares, incluindo educação, sociologia, psicologia e biblioteconomia. A ausência de capacitações específicas no contexto brasileiro evidencia a carência a ser abordada, apontando para a necessidade de desenvolvimento de cursos voltados para bibliotecários atuarem com eficácia na biblioterapia em escolas, particularmente com crianças diagnosticadas com TEA. Para suprir tal necessidade é apresentado um modelo de curso de capacitação para bibliotecários escolares que pode vir a ser adaptado para desenvolvimento em diferentes instituições de ensino superior, tanto para fazer parte do próprio currículo do curso de biblioteconomia como para ser aplicado em forma de especialização.

3. CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

O transtorno do espectro autista (TEA) uma vez definido como distúrbio do desenvolvimento e creditado somente a crianças, atualmente é entendido como um transtorno espectral que prejudica a comunicação social recíproca e a interação social, além de apresentar padrões de comportamento, interesses ou atividades restritos ou repetitivos que limitem a interação do indivíduo com aqueles ao seu redor (DSM-5, 2013).

Trata-se de um transtorno com diversos níveis de suporte, razão pela qual estes indivíduos podem enfrentar uma vasta gama de problemas, principalmente comunicacionais, podendo gerar uma dificuldade em se expressar e em comunicar suas necessidades e vontades com aqueles que estão a sua volta, o que, para aqueles afetados com o transtorno, pode desencadear episódios de autolesão ou agressividade ou outras formas de comportamentos que podem ser considerados inapropriados.

Recentemente, foi estimado que no Brasil aproximadamente 6 milhões de indivíduos possuam transtorno do espectro autista, dado que uma a cada 32 crianças nascidas no país são diagnosticadas com o transtorno até os 8 anos de idade. Nos últimos anos graças a um crescimento do interesse público no assunto, devido principalmente a desmistificação do assunto, graças a sua abordagem de forma mais leve e explicativa nas redes sociais, como Instagram e TikTok, cada vez mais pessoas estão buscando profissionais para identificar se possuem o transtorno. Como consequência tem sido observado um aumento significativo na quantidade de indivíduos sendo diagnosticados com TEA a partir de 2020 se comparado aos dados relativos aos anos 2000.

A biblioterapia é uma opção de tratamento complementar que pode ser aplicada tanto a doenças físicas quanto a doenças e transtornos mentais. Ela se baseia na abordagem do problema a partir da apresentação de obras que tratem do assunto de forma que facilite ao paciente a compreensão e a aceitação do problema. Desta forma, possibilita uma melhor recuperação por dar esperança e mostrar que é possível superar os desafios para as pessoas que estão sob tratamento pois o indivíduo pode estar enfrentando os mesmos fatores descritos na obra que está analisando.

O bibliotecário é um dos profissionais que está apto a desenvolver a biblioterapia. Para isso é necessário que este profissional passe por uma qualificação específica, principalmente para atuação com crianças com TEA. Além da capacitação para trabalhar com a biblioterapia

ele precisa também estar preparado para lidar com as dificuldades que podem ser relativas ao transtorno.

Mesmo que seja evidente a necessidade dessa capacitação, Correa e Spudeit (2013) apresentam nos resultados de sua pesquisa com base nos currículos dos cursos de biblioteconomia em algumas universidades brasileiras a conclusão de que essas não oferecem ao futuro bibliotecário a possibilidade de acompanhar a evolução de áreas como a da psicologia e a da educação (Correa; Spudeit, 2013). Essas áreas são indispensáveis para a atuação em biblioterapia, o que reforça ainda mais a necessidade da criação de capacitações específicas voltadas para a biblioterapia (Chitra, 2019).

Após realização de pesquisa própria, não foi identificada a existência de cursos ou disciplinas de capacitações para atuação em biblioterapia para crianças com TEA e apenas foi encontrada uma disciplina que aborda diretamente a biblioterapia, disponibilizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (Anexo A).

Com base nos dados recuperados surge a pergunta: Qual seria o conteúdo a ser ministrado num curso de capacitação para bibliotecários desenvolverem biblioterapia com crianças com TEA?

3.2. OBJETIVOS DA PESQUISA

3.2.1. Objetivo geral

Identificar o conteúdo de um curso de Biblioterapia para bibliotecários trabalharem com crianças com transtorno do espectro autista.

3.2.2. Objetivos específicos

- Compreender o que é e como funciona a biblioterapia;
- Caracterizar o TEA;
- Analisar de que forma a biblioterapia pode ser aplicada a crianças com o transtorno do espectro autista;
- Mapear as necessidades de capacitação do bibliotecário para utilizar a biblioterapia com pessoas com TEA.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. O QUE É BIBLIOTERAPIA

O termo biblioterapia foi descrito pela primeira vez por S.M. Crothers em 1916, como o processo de curar através dos livros, mas a prática de usar a literatura como instrumento de cura remete a tempos muito mais antigos, estando presente desde escrituras nas paredes de bibliotecas no antigo Egito ou sendo oferecida como parte de tratamentos médicos desde os tempos de Aulus Cornelius, na Roma antiga (Ferreira, 2003).

Desde sua primeira definição em 1916, a biblioterapia tem evoluído e atualmente, como citado por Ferreira (2003), passou a ser compreendida como um “campo de produção científica e de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes” ou ainda como uma ferramenta que faz uso de material literário selecionado de forma personalizada por profissionais qualificados visando contribuir para a resolução de um problema, oferecendo ao usuário a possibilidade de ver o problema de fora, por meio de um personagem, possibilitando que este veja com mais clareza todo o contexto do problema e as possíveis soluções para ele (Teixeira, 2017).

A biblioterapia, enquanto atuação profissional, é dividida em duas vertentes: a biblioterapia clínica e a biblioterapia desenvolvimental. A biblioterapia clínica se destina a indivíduos que necessitem acompanhamento específico com profissionais da área da saúde mental, como pessoas com transtornos mentais ou deficiências intelectuais. (Canty, 2017 apud Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022). Essa vertente não se confunde com a psicoterapia uma vez que não conta necessariamente com a presença de um terapeuta, mas tem o livro desempenhando esse papel (Caldin, 2001 apud Ferreira, 2003) mas pode ser utilizada como uma ferramenta complementar a esta.

Já a biblioterapia desenvolvimental pode e recomenda-se que seja aplicada por profissionais de diversas áreas, como professores, bibliotecários, educadores, psiquiatras e psicólogos etc. (Caldin, 2001; Doll; Doll, 1997; Jones, 2001; Pardeck, 2013 apud Teixeira, 2017). Essa vertente é voltada para um acompanhamento de problemas que podem surgir em cada fase do desenvolvimento humano (Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022), podendo ser aplicada desde crianças em idade escolar até indivíduos de idade mais avançada que busquem um aconselhamento. Lack (1985 apud Ferreira, 2003, p. 40) define a biblioterapia desenvolvimental como

O uso de livros para influenciar o desenvolvimento total da personalidade, é um processo de interação entre o leitor e a literatura, que é utilizada para o enriquecimento da personalidade, seu ajustamento e desenvolvimento, com objetivos clínicos de higiene mental e ajustamento social.

Por mais que possa ser aplicada por profissionais de diversas áreas, para que a biblioterapia desenvolvimental seja executada com êxito é necessário que estes tenham um conhecimento aprofundado sobre as fases da vida e dos possíveis problemas que venham a ocorrer em cada fase (Teixeira, 2017), além de também conhecer o indivíduo, sua história e o problema que ele está enfrentando para que possam ser sugeridos materiais apropriados para a sua situação em específico (Ferreira, 2003).

Para uma boa aplicação da biblioterapia desenvolvimental é importante que o profissional guie o processo por algumas fases: a seleção do material, para a qual o profissional deve conhecer o usuário e sua demanda profundamente para realizar uma seleção de obras que abordem o problema que se busca resolver e que ao mesmo tempo despertem o interesse do usuário e sejam apropriadas para seu nível de leitura; a apresentação dos materiais, para a qual se deve ter um planejamento da forma mais pertinente e apelativa de apresentá-lo além de saber os momentos certos para realizar interrupções na leitura para fazer observações sobre o conteúdo de forma que esse seja melhor interpretado (Teixeira, 2017). Essa etapa se faz especialmente importante quando a biblioterapia está sendo aplicada a crianças, adolescentes ou pessoas com deficiências intelectuais (Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022), uma vez que esses públicos podem ter interpretações mais diversas do material apresentado; e a construção da compreensão onde se busca examinar a personagem, suas ações, os problemas e consequências apresentados de forma a conduzir o indivíduo a uma mais profunda compreensão do que está sendo apresentado, visando uma identificação do indivíduo com a personagem (Teixeira, 2017), o que abrirá ao indivíduo novas formas de enfrentamento para seu problema, uma vez que poderá vê-lo por uma nova perspectiva que pode levar a novas soluções.

Na biblioterapia clínica, além dos passos em comum com a desenvolvimental, inclui-se ainda o *follow-up* que é a busca por monitorizar os resultados obtidos e a procura por indícios da implementação de novos conhecimentos a partir dos quais o indivíduo terá melhor capacidade de lidar com problemas futuros (Teixeira, 2017).

O usuário por sua vez também passa por um processo em fases, sendo estas: identificação, quando passa a conhecer o personagem e aprovar ou não seus comportamentos e atitudes; a projeção de suas crenças e motivos pessoais na personagem; o processo emocional de identificação, durante o qual são gerados sentimentos como culpa, receio ou raiva

direcionados à personagem ou ao autor; e o *insight*, momento em que ocorre o auto reconhecimento na situação em que a personagem está e a criação de novos conceitos e ideias a serem integrados na personalidade do indivíduo de forma a ajudá-lo tanto na resolução de seu problema atual como em problemas futuros (Ferreira, 2003)

4.2. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Descrito pela primeira vez por Leo Kanner em 1943, o autismo foi conceituado como “uma incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo habitual e biologicamente previsto com pessoas” (Kanner, 1943 apud Schmidt; Bosa, 2003), definição essa que tem evoluído com base na ampla gama de estudos que vem sendo realizados sobre o tema até chegar em sua definição atual e mundialmente aceita apresentada pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013), que apresenta o autismo não como um distúrbio mas como um espectro, uma vez que se descobriu que suas manifestações podem variar grandemente entre seus portadores “dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica” (DSM-5, 2013).

O transtorno do espectro autista (TEA), como hoje é conhecido, abrange os transtornos antes diagnosticados como “autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger” (DSM-5, 2013) e tem como algumas de suas características mais marcantes o “prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades” (DSM-5, 2013), devendo estas estarem presentes desde a primeira infância e limitar ou prejudicar o funcionamento diário do indivíduo para que seja considerada a hipótese diagnóstica.

Outras características também podem ser apresentadas, ainda que não obrigatoriamente, por indivíduos diagnosticados com o transtorno como algum nível de comprometimento intelectual, podendo haver “discrepância entre habilidades funcionais adaptativas e intelectuais”, déficits motores, assim como episódios de autolesão e comportamentos disruptivos ou desafiadores (DSM-5, 2013). Por se tratar de um transtorno que afeta diversas áreas do desenvolvimento do indivíduo e pode se apresentar em diferentes níveis de suporte, desde um nível mais brando até um mais severo de comprometimento, o indivíduo que o possui

pode ter um nível maior de dependência de seus cuidadores (Schmidt; Bosa, 2003) e/ou necessitar de acompanhamento especializado para garantir seu bom desenvolvimento.

Assim como nos adultos, em crianças o TEA pode ter as mais variadas formas de manifestação a depender do nível de suporte da criança, do tipo e nível de apoio oferecido pela família e da atuação dos profissionais que a acompanham, como professores, psicólogos, pedagogos etc. Esses profissionais devem ser devidamente capacitados para lidar com as demandas dessa criança e, se necessário, para adaptar o ambiente em que ela se encontra para uma melhor inclusão desta. Por se tratar de um grupo que atua ainda nas fases iniciais do desenvolvimento, logo constituído por indivíduos mais propícios a influência externa (Pellicano, 2012 apud Zanon; Backes; Bosa, 2017), há uma porção de abordagens que podem ser aplicadas a crianças com TEA a fim de que, combinadas, ajudem a criança a ter um melhor nível de desenvolvimento psicossocial e se adaptem melhor socialmente durante a vida adulta.

4.3. BIBLIOTERAPIA APLICADA AO TEA

Uma das abordagens que pode ser usada com crianças com TEA é a biblioterapia, por se tratar de uma abordagem multidisciplinar que pode ser desenvolvida tanto no ambiente escolar quanto em clínicas especializadas, tornando-se de fácil aplicação por englobar vários ambientes em que a criança convive. O contexto escolar pode ser utilizado tanto na biblioterapia clínica, onde as informações prestadas por professores ou educadores serviriam de apoio para os profissionais de saúde mental saberem a melhor abordagem a ser adotada com aquela criança, assim como também pode-se desenvolver um trabalho na biblioterapia desenvolvimental, no qual os próprios profissionais da educação (professores, educadores, psicopedagogos, bibliotecários etc.) sejam capacitados para atuar como biblioterapêutas e possam oferecer um trabalho conjunto e de forma mais acessível para alunos cujos pais não tenham condições de buscar o tratamento clínico.

4.4. BIBLIOTERAPIA APLICADA AO TEA EM AMBIENTE ESCOLAR

Teixeira (2017), em seu trabalho sobre biblioterapia e psicologia da educação cita Berge e Santos (1990 apud Teixeira, 2017) quando explicitam a importância de focar em outras áreas do desenvolvimento da criança, como “o desenvolvimento psicomotor, fisiológico, moral,

afetivo e social” além do desenvolvimento cognitivo no ambiente escolar, para que assim a criança evolua não apenas em uma, mas em várias dimensões de sua vida.

Nesse cenário, a biblioterapia se apresenta como uma boa aliada às ferramentas comuns de aprendizagem que são aplicadas às crianças, podendo ser utilizada como forma tanto de remediar como de prevenir problemas que venham a surgir (Caldin, 2001; Cornett; Cornett, 1980 apud Teixeira, 2017). Se faz especialmente importante no contexto da inclusão de alunos com TEA ou outros transtornos ou deficiências, uma vez que, além de ajudar a criança a ver que não é a única a enfrentar as dificuldades que o transtorno possa trazer através de histórias que possam servir de exemplos de que é possível superar a situação e de formas com que outras crianças lidaram com ela e se saíram bem-sucedidas (Teixeira, 2017; Gavigan; Kurtts, 2011), também é um importante aliado no combate ao *bullying*, ensinando às outras crianças o respeito as diferenças e as consequências que podem surgir de ações negativas que elas possam vir a infligir aos colegas (Teixeira, 2017).

Para a implantação da biblioterapia como ferramenta em um ambiente escolar é imprescindível que professores, educadores, psicopedagogos, bibliotecários e demais profissionais atuantes na escola tenham o conhecimento necessário para realizar o acompanhamento da criança de forma correta e assertiva (Foley-Nicpon; Assouline, 2010). Os professores são peças fundamentais nessa implantação por serem geralmente aqueles que passam mais tempo com a criança no período escolar. São de suma importância que estes sejam capacitados a identificar as necessidades e interesses da criança com TEA, e saber como direcionar a aplicação da biblioterapia e, como lidar com possíveis problemas que essas crianças venham a desenvolver, para que possam ajudar a guiar esse processo por caminhos e assuntos que sejam adequados ao nível de leitura, e necessidades específicas da criança para torná-lo interessante para elas (Teixeira, 2017), incentivando-as a participar por livre escolha.

Também se faz de grande importância a participação de um psicólogo da educação ou psicopedagogo no que tange a intervenções no ambiente, ou naqueles que cercam o aluno com vistas a “promover condições favoráveis para o desenvolvimento da criança em questão”, (Moreira; Guzzo, 2014; 2016 apud Teixeira, 2017) sendo também um dos responsáveis por ajudar no processo diagnóstico dessa.

Tão importante quanto todos os outros agentes nesse processo está o bibliotecário. Este será o responsável por coletar as informações fornecidas por cada um dos profissionais envolvidos e interpretá-las a fim de selecionar obras que, mesmo que não criadas para fins terapêuticos, sejam adequadas para abordar a necessidade específica de cada criança e que

sejam adequadas ao nível de desenvolvimento destas. Afim de ter um repertório que possa ajudar a criança a superar problemas ou situações que estejam enfrentando ou, também, ajudar no processo de desenvolvimento da criança, levando em conta as áreas de desenvolvimento em que ela está tendo dificuldade e de que forma essa área pode ser tratada por meio da literatura (Teixeira, 2017).

Para tornar possível todo o processo da biblioterapia em crianças com TEA, além de contar com espaços adequados como salas de apoio a aprendizagem, salas de recursos, bibliotecas com recursos adequados para lidar com crianças com transtorno do espectro autista, salas de aula adaptadas etc., os profissionais devem estar devidamente capacitados a lidar com as demandas que esses alunos possam trazer, sejam essas em nível de assistência cognitiva ou em nível de assistência física.

3.4.1 Alguns tipos de demandas extras que alunos com TEA podem apresentar:

3.4.1.1 Deficiência intelectual: É comum entre crianças com TEA que haja algum comprometimento no desenvolvimento podendo chegar a ocorrência de uma deficiência intelectual, característica que, a depender do seu grau, pode fazer com que a criança necessite tanto de suporte pedagógico, como materiais adaptados, como de suporte físico, como a presença de um assistente em sala de aula para auxiliar o aluno com alimentação, idas ao banheiro etc.

3.4.1.2 Superdotação: É muito comum que crianças autistas tenham traços de superdotação. Em seu estudo feito em 2010, Foley-Nicpon e Assouline trazem comparações quanto a frequência da ocorrência de traços de autismo em crianças superdotadas e vice-versa, no qual chegam a conclusão de que nem toda criança superdotada possui traços de autismo, mas grande parte das crianças autistas possuem traços de superdotação em alguma área. Tendo isso em vista é importante que as atividades a serem desenvolvidas com essas crianças tanto digam respeito a sua área de interesse e superdotação quanto ajudem a desenvolver outras áreas que apresentem algum atraso.

3.4.1.3 Problemas sensoriais: Outra dificuldade que pode ser apresentada por crianças autistas são os problemas sensoriais, que podem ser desencadeados tanto por haver estímulos demais como de menos, a depender da criança, o que as leva a buscar formas de equilibrar esses

estímulos, seja buscando extinguir a chegada de novos estímulos, quando hiperestimuladas, ou criando novos estímulos que lhes interessem, quando hipoestimuladas (Lampreia, 2007). Esse fator deve ser considerado como uma das prioridades no diagnóstico feito pelo professor ou psicopedagogo para o processo da biblioterapia, pois possibilitará ao bibliotecário a criação de um ambiente apropriado e a escolha de obras e atividades que tragam estímulos na medida certa para que a criança consiga realmente acompanhá-las.

3.4.1.4 Dificuldades na comunicação: A criança autista por vezes não se sente capaz de comunicar suas necessidades ou interesses da forma que é esperada pela sociedade. Então, busca fazê-lo através de ações que possam trazer atenção para aquilo ao que ela quer trazer ao foco, essa atenção por vezes é conseguida através de comportamentos como birras, violência e autoagressão. (Lampreia, 2007). Um outro ponto na comunicação com a criança autista que pode, a princípio, se mostrar como um problema, mas com o tempo se tornar algo positivo no tratamento é a ecolalia, que seria a repetição imediata ou tardia de palavras ou sentenças que foram ouvidas anteriormente (Bosa, 2006). A princípio a ecolalia pode se mostrar como um problema no processo de biblioterapia, uma vez que a criança pode desenvolver uma linguagem com elementos que não possibilitem uma comunicação, mas com o tempo pode se mostrar útil, se trabalhada da forma certa, pois pode dar à criança uma nova gama de palavras e expressões, além de ensiná-la em que ocasiões é mais apropriado usá-las.

Ainda na comunicação, é possível que a criança com TEA tenha uma interpretação literal de tudo que lhe é dito ou apresentado, portanto se faz importante aos profissionais saberem trabalhar com essa criança evitando, por exemplo, o uso de metáforas, uma vez que a criança pode não compreendê-las e prejudicar o entendimento da mensagem que se deseja passar, podendo-se optar por trabalhar com a apresentação de perguntas e afirmações simples e concisas para que ela não venha a entender errado, por exemplo, o enunciado de uma atividade proposta (Bosa, 2006).

Algumas adaptações que podem ser feitas na aplicação da biblioterapia a fim de melhor atender crianças com TEA são, por exemplo, engajar alunos que não sejam alfabetizados no processo da leitura através de textos que já sejam familiares a estes e que possam ser lidos pausadamente pelo biblioterapeuta para que a criança tenha a oportunidade de repetir o que está sendo lido e facilitar a sua compreensão do que está sendo lido por fazê-lo entender o contexto da história através da participação na leitura (Fleury; Schwartz, 2017 apud Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022), assim como pode também ser usada a interpretação da história,

onde o contador usa diferentes gestos e vozes para enfatizar o que cada personagem está sentindo, essa abordagem mais teatral visa ajudar a criança com TEA, mesmo as com maior comprometimento social ou intelectual, a visualizar de forma mais clara atitudes e sentimentos tanto dela mesma quando de outras pessoas e ensinar formas saudáveis de lidar com eles (Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022). Também podem ser realizadas atividades em meios digitais, uma vez que com estes é mais fácil para cada criança participar da atividade de uma forma que respeite suas limitações e incentive sua autonomia (Lorah; Parnell, 2017; Abraham et al., 2021 apud Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022). Além disso, por se tratar de um público que pode ter resistência a mudanças e dificuldades em realizar tarefas que não estejam em seu campo de interesse, é de extrema importância manter uma comunicação clara com o aluno a respeito da forma que serão realizadas as atividades, podendo ser criados prazos e metas a serem atingidas em determinado período para que, além de mostrá-los que são capazes de cumprir tal meta, possa-se seguir para a próxima atividade sem o risco de ocasionar uma crise pela mudança abrupta. Também, esses interesses especiais, podem ser utilizados como um incentivo para que o aluno siga a rotina proposta, separando um momento durante essa rotina para que ele possa desempenhar atividades relacionadas a esse interesse. Também é de extrema importância considerar a possibilidade da ocorrência de crises nesses alunos o que torna primordial a existência de um ambiente seguro ao qual a criança possa ter acesso nesses momentos. (Foley-Nicpon; Assouline, 2010).

Para que essas adaptações sejam realizadas de forma assertiva e para se alcançar um bom desenvolvimento da biblioterapia, faz-se necessário que toda a equipe possua alguma formação extra, além de sua área de atuação primária, por exemplo, para o bibliotecário essa formação pode abranger áreas como a de atuação educacional, psicológica ou médica (Ferreira, 2003). Para a equipe em geral é necessária uma capacitação para atuar de forma terapêutica com a criança com TEA, não apenas no sentido da aplicação da biblioterapia, mas também para saber como acalmá-la se em um possível momento de crise.

A biblioterapia em si já é uma forma de intervenção que naturalmente deixa os usuários menos defensivos, diferente de outras abordagens da psicologia (Teixeira, 2017) essa maior abertura que a biblioterapia traz pode ser de grande importância, por exemplo, no tratamento de crianças com mais dificuldade de interagir com desconhecidos ou com outras pessoas no geral, somado a isso podem-se aplicar outras técnicas de psicoterapia que incentivem essa interação. Estudos têm mostrado a efetividade da aplicação de técnicas de sociodrama no intuito de ajudar as crianças a desenvolver atitudes que sejam benéficas para sua futura inserção no

meio social, essas atitudes podem ir de um “comportamento voluntario que vise beneficiar ao próximo” como aprender a dividir, a colaborar com o próximo ou incentivar a criança a atuar de forma voluntária em diversos cenários, até atitudes “comportamentais” como aprender a seguir regras, tanto sociais quanto do ambiente em que se inserem, ser honesto e aprender a trabalhar em equipe (Chitra, 2019). Atividades com psicodrama também podem ser altamente benéficas para essas crianças, uma vez que as incentiva a expressar como se sentem e como entendem o mundo em forma de atuação ou dramatização, ajudando-as a buscar mais a fundo entender a si mesma e ao próximo. Também é importante que o profissional que esteja conduzindo o processo biblioterapêutico saiba a forma mais eficaz de trazer o interesse da criança para a prática, incentivando-a a participar voluntariamente.

4.5. PROPOSTA DE AKGUN E BELLI

Existem diversos modelos propostos na literatura para a aplicação da biblioterapia. Akgun e Belli (2019) trazem uma proposta de modelo em 10 passos para essa implementação que pode ser aplicada e adaptada com mais facilidade em ambiente escolar. Essa proposta conta com os seguintes passos:

1. “Estabelecer uma relação positiva e desenvolver a confiança dos estudantes”: quando aplicado ao cenário da biblioterapia direcionada a crianças com TEA se torna ainda mais importante que todos os profissionais busquem alcançar, pois por vezes essas crianças podem desenvolver afeto por uma pessoa em especial dentro do grupo de trabalho e apenas com este vai se sentir à vontade para trabalhar, fator que também mostra a importância de todos no grupo estarem capacitados para exercer os papéis necessários no processo.
2. “Determinar quais membros do corpo escolar podem ajudar”: passo no qual se torna possível a criação do grupo de trabalho que irá viabilizar a aplicação da biblioterapia.
3. “Conseguir o apoio dos pais”: é de extrema importância a participação dos pais quando da aplicação da biblioterapia uma vez que esses serão responsáveis por continuar o processo em casa. Para isso é necessário fazer o devido acompanhamento, não apenas com os alunos, mas também com os pais para saber se estes estão a par de tudo que está acontecendo e se estão conseguindo manter e aplicar o aprendizado da criança no ambiente familiar.

4. “Definir o problema experienciado pela criança”: etapa a partir da qual se torna possível todo o desenvolvimento do processo da biblioterapia, visto que seu objetivo principal é ajudar a criança a obter conhecimentos que a ajudem a superar ou passar por esse problema ou situação.
5. “Definir metas para resolver o problema que se apresenta”: a definição de metas menores a serem atingidas no decorrer do processo de biblioterapia pode ser um dos fatores mais importantes no que diz respeito às expectativas que se criam, tanto da parte dos profissionais que a aplicam quanto da parte dos pais, que esperam ver melhora em seus filhos. Portanto se faz de suma importância a definição de pequenas metas a curto ou médio prazo, que possam garantir que se alcance a meta a longo prazo.
6. “Selecionar os livros apropriados para a situação”: como já visto anteriormente é de extrema importância a correta seleção de obras que se adequem a situação a ser abordada assim como a idade, nível de desenvolvimento e interesse da criança a qual a obra será apresentada. A correta seleção de obras pode proporcionar para a criança tanto acesso a novos conhecimentos quanto a formas de se expressar, como por exemplo pelo uso de livros com imagens para que a criança que ainda não desenvolveu a fala possa se comunicar, processo conhecido como PECS (Sistema de comunicação por troca de imagens) citado por Bosa (2006) ou ainda o uso de obras que disponibilizem tecnologias para facilitar essa comunicação, como também sugerido por Bosa (2006).
7. Introduzir a obra à criança: etapa que deve ser previamente planejada para que seja realizada de forma a fazer com que a criança desenvolva o maior interesse possível na obra e no que ela trata, visando facilitar a compreensão do assunto da obra e assim a abordagem do problema. A obra deve ser apresentada tanto fisicamente (no caso de um livro mostrando a capa, imagens) quanto seu conteúdo (apresentando o foco principal e o problema a ser abordado por seus personagens de forma que a criança já possa começar a criar conexão com a história e os personagens, facilitando uma futura identificação).
8. “Implementar o processo de leitura”: etapa durante a qual deve ser disponibilizada a obra para a criança e incentivada a interação com a mesma, sendo recomendado fazer pausas na leitura ou apresentação da obra, afim de reforçar conceitos presentes nessa, que possam ter passado despercebidos pela criança tornando possível a maior absorção de conhecimento e melhorando a compreensão e possibilidade de aplicação de tal conceito pela criança.

9. “Implementar atividades pós leitura”: após a interação com a obra apresentada é de extrema importância que sejam desenvolvidas atividades que incentivem a criança a por em prática os conceitos aos quais foi apresentada. Aumentando, assim, a chance de essa criança absorver o conhecimento adquirido e aplicá-lo em diferentes situações.
10. “Avaliação”: quando encerrado o processo de aplicação da biblioterapia é de suma importância a avaliação por parte dos profissionais dos resultados atingidos durante esse processo e se estes são condizentes com o esperado e, se não, quais mudanças devem ser adotadas para alcançar um melhor resultado.

4.6. CAPACITAÇÃO EM BIBLIOTERAPIA

Para a capacitação de profissionais do contexto escolar para a prática da biblioterapia é importante que toda a equipe tenha conhecimentos em áreas como educação, sociologia, psicologia e biblioteconomia (Correa; Spudeit, 2013). Esses profissionais devem ter uma série de expertises que podem ser bem desenvolvidos com o treinamento adequado. Pode-se citar o conhecimento sobre novas tecnologias que surgem e possam se tornar facilitadoras no processo de aprendizagem de crianças com TEA que tenham alguma necessidade específica a ser atendida, como atraso na linguagem, dificuldade na comunicação verbal ou não verbal etc. (Camillo; Jesus; Castro Filho, 2019; Gomes; Lima; Bueno; Araujo; Souza, 2015), a capacidade de promover atividades lúdicas com recursos que vão além dos livros como música, dança, teatro, filmes e outras formas de arte que possam ser mais facilmente interpretadas por crianças que, por acaso, não sejam totalmente alfabetizadas, ou que tenham outras dificuldades decorrentes do transtorno que as impeçam de fazer o melhor proveito da aplicação restrita aos livros. Esse tipo de atividade pode, por exemplo contribuir para que crianças que tenham mais dificuldade em exercer empatia e entendê-la através dos livros possam ser ensinadas, por exemplo através de um teatro, onde as emoções são expressadas de forma mais dramática, como podem exercer empatia não apenas para com o outro, mas também consigo mesma (Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022). Também é importante que saibam escolher as obras a serem utilizadas, levando em consideração não apenas o conteúdo, mas também as características físicas da obra, como qualidade do papel e da impressão, capa e tamanho do livro, qualidade e adequação das ilustrações para a idade da criança, para garantir que se adequem às necessidades da criança e garantam um bom resultado (Akgun; Belli, 2019).

Treinamentos em biblioterapia para bibliotecários são oferecidos pela ALA (The American Library Association) e pela NAPT (The Nacional Association of Poetry Therapy) além de outras instituições ao redor do mundo (Ferreira, 2003). Por essas capacitações serem mais direcionadas a esse grupo torna-se essencial a presença de um bibliotecário durante o processo de aplicação da biblioterapia, uma vez que esse saberá guiar todo o grupo de forma a obter um bom resultado com a intervenção.

Atualmente, não existem capacitações específicas para biblioterapia disponibilizadas por Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, existindo apenas uma disciplina no curso de Biblioteconomia da UFSC que traz a biblioterapia como assunto central.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho apresenta uma pesquisa descritiva e bibliográfica com análise de dados qualitativa. A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever características de uma população, fenômeno ou contexto. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, tem como objetivo reunir e analisar informações publicadas em livros, artigos, documentos e outros materiais. A análise de dados qualitativa é um processo de interpretação de dados não numéricos, como entrevistas, observações e documentos. A pesquisa foi desenvolvida a partir de busca na base Proquest pelos termos “*bibliotherapy*” “*biblioterapia*” “*bibliotherapy in schools*” com os filtros *intervention, mental health, children&youth, mental disorders, human, systematic review, bibliotherapy, NOT mental depression AND anxiety*, com resultados restritos a textos em inglês, espanhol, francês, português. Limitados a textos completos e revisados por especialistas (412).

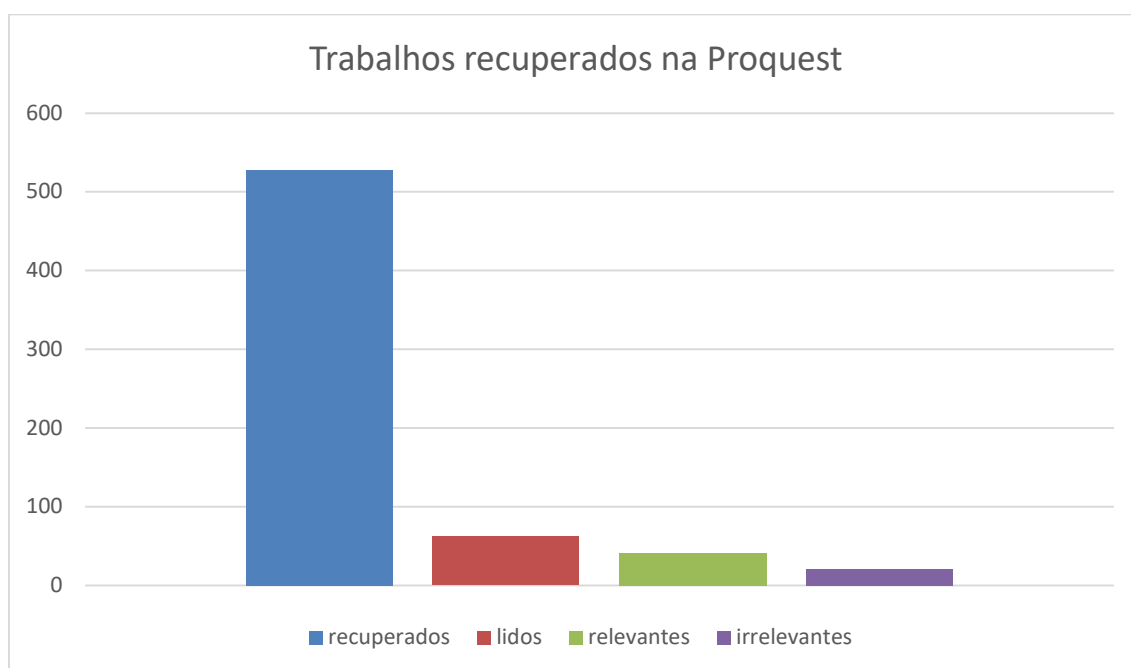
Os resultados obtidos foram inicialmente filtrados pelo título e resumo sendo descartados os que, nesse clive, não se mostraram relevantes para a pesquisa. Após essa primeira análise foi feita a leitura dos textos selecionados por inteiro e a partir daí foi construída a narrativa apresentada no trabalho.

Também foram realizadas pesquisas nos temas Capacitação em biblioterapia (5), *bibliotherapy capacitation* (0), *bibliotherapy neurodivergent* (1 e está indisponível), *bibliotherapy neurodivergency*, *bibliotherapy teacher* (111) com os filtros: *NOT (anxiety AND teenagers AND mental depression AND parents & parenting AND families & Family life AND psychotherapy AND covid-19 AND young adults AND adolescents AND post-traumatic stress disorder AND pandemics AND trauma AND coronaviruses AND fear & phobias AND mathematics AND suicides & suicide attempts AND anxiety disorders AND adults AND cost*

analysis AND gender AND spirituality) novamente com os trabalhos recuperados limitados aos idiomas Inglês, Português e Espanhol e passaram pelo mesmo clive da busca anterior, por título e resumo para então ser feita a leitura completa e por fim decidido se o texto seria relevante para o trabalho, os resultados de ambas as buscas são representados nos gráficos A e B. Além destas, foi realizada busca no google por capacitação em biblioterapia para professores que não apresentou resultados relevantes.

Ao todo foram recuperados 528 trabalhos a partir dos termos de busca utilizados, após um primeiro clive foram selecionados 62 trabalhos para serem lidos na íntegra, dos quais 41 se mostraram relevantes para o tema abordado no trabalho e 21 não, como apresentado no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1: Trabalhos recuperados na base Proquest



Fonte: elaboração própria

Após a leitura dos textos selecionados foi feita uma análise que revelou a inexistência de um formato de capacitação específico para bibliotecários escolares para atuação com biblioterapia aplicada a crianças com Transtorno do Espectro Autista, o que, por sua vez, mostra a necessidade da criação de um modelo para tal capacitação.

Tendo em vista os modelos de aplicação de biblioterapia por alguns autores e o escopo da disciplina “biblioterapia” disponibilizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi criado um modelo com o intuito de que este possa futuramente ser usado como

base para a criação de um curso de capacitação a ser realmente desenvolvido e disponibilizado a estes profissionais.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após levantamento e análise da literatura disponível, principalmente na base de dados Proquest, se torna evidente a inexistência de materiais direcionados especificamente para a capacitação de profissionais bibliotecários para atuação em biblioterapia no ambiente escolar com crianças com TEA, mostrando-se necessária a realização de pesquisa mais aprofundada no assunto e o desenvolvimento de tais capacitações, uma vez que esta é uma demanda que se mostra cada dia mais evidente.

Na literatura é abordado por autores como Correa e Spudeit (2013) a importância do acesso de toda a equipe escolar que vá atuar com a biblioterapia a áreas como a educação, sociologia, psicologia e a própria biblioteconomia para o desenvolvimento de expertises que virão a ser úteis nessa atuação, principalmente quando essa é direcionada a crianças com TEA.

Para o bibliotecário escolar, que atuará mais diretamente com esta prática, é ainda mais importante o acesso a essas áreas, uma vez que esse profissional deve ter a sensibilidade para lidar não só com os materiais que serão escolhidos para o processo de desenvolvimento da biblioterapia mas também com a forma que estes materiais e recursos serão aplicados e como poderão afetar essas crianças de formas relevantes para seu desenvolvimento social e cognitivo (Akgun; Belli, 2019).

Entre os principais conteúdos a serem abordados em especializações desse sentido, dentre as áreas já mencionadas acima estão, primeiramente, uma abordagem mais aprofundada sobre o que é a biblioterapia e sua atuação e importância no tratamento de crianças com TEA, principalmente pela maior chance de sucesso na aplicação pelo fato de as crianças ainda estarem em fase de desenvolvimento, durante a qual também pode-se focar em outras áreas do desenvolvimento para além do acadêmico, como citado por Berge e Santos (1990 apud Teixeira, 2017), aprofundamento esse que também deve abordar formas de seleção de obras e compreensão de que tipos de obras são apropriadas para o uso com a biblioterapia.

Ainda no âmbito da compreensão da biblioterapia é importante que sejam estudadas as técnicas de aplicação disponíveis na literatura e compreender qual delas melhor se aplica ao ambiente e a criança com a qual se está trabalhando, tornando assim sua aplicação mais eficiente

e a atuação do profissional menos engessada em um único modelo que pode não se adaptar a todos os perfis.

Já na área da psicologia, a psicologia da educação, também abordada por Teixeira (2017), busca trazer entendimento quanto as diversas fases e dificuldades que tanto o aluno quanto o professor ou a família podem enfrentar no processo de ensino e de que formas essas podem ser trabalhadas a fim de tornar esse processo mais inclusivo e de fácil desempenho e de forma a dar aos pais ferramentas para que continuem o processo de acompanhamento da criança fora da escola.

Uma outra razão que faz com que a psicologia seja de grande relevância nesse processo é a necessidade de que o profissional tenha noções de psicopedagogia, para que este esteja preparado para as características, possíveis dificuldades e formas de lidar com crianças que tenham o transtorno. O profissional deve ter o tato para lidar com situações de crise que podem surgir e saber como fazer com que essa criança responda aos estímulos que lhe são apresentados sem que estes provoquem crises de hiper ou hipoestimulação (Moreira; Guzzo, 2014; 2016 apud Teixeira 2017) e precisa saber criar um ambiente acolhedor e confortável no qual a criança se sinta segura para se abrir a novos aprendizados, com recurso que despertem seu interesse no tópico que está sendo apresentado.

Noções de cuidados físicos, semelhantes às adquiridas em cursos para cuidadores de pessoas com deficiência ou cursos técnicos em enfermagem, também devem ser adquiridas, uma vez que existe a possibilidade de crianças com graus mais severos do transtorno precisarem de suporte em atividades cotidianas como ir ao banheiro ou comer durante o período em que estão na escola, além da possibilidade de infligirem autolesões em momentos de crise ou para o caso de acabarem machucando algum colega ou mesmo profissional que esteja atuando com a criança durante esses momentos, situações nas quais o profissional terá que intervir de forma a diminuir os riscos para todos os envolvidos.

Também se faz importante a capacitação do profissional enquanto educador, uma vez que, além de ajudar no processo de ensino da criança com TEA, intervindo por vezes em áreas que os professores observem como uma área que o aluno tenha dificuldades com a abordagem usada com as outras crianças, sendo necessária uma forma de adaptação para apresentação deste conteúdo, por vezes esse profissional terá que apresentar materiais não apenas para a criança que está passando pelo processo de biblioterapia, mas também para as outras crianças do grupo no qual ela está inserida, de forma a conscientizá-las sobre a condição do colega e evitar a ocorrência de *bullying*, fator que poderia prejudicar o desenvolvimento da criança, fazendo com

que essa desenvolva comportamentos violentos com outrem ou mesmo auto lesivos em resposta às provocações dos colegas.

Ainda na área da educação, também se faz importante que o profissional tenha acesso a noções de teatro ou atuação, uma vez que por vezes é necessário o uso de suportes que exigem esse tipo de habilidade, como por exemplo para contação de histórias com fantoches ou mesmo com a participação das crianças de forma ativa na leitura, fazendo com que elas tomem o papel dos personagens durante o desenvolvimento da atividade, de forma a facilitar seu entendimento da história através dessa abordagem, (Fleury; Schwartz, 2017 apud Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022), abordagens que envolvam psicodrama também podem ser desenvolvidas com o intuito de facilitar que a criança expresse como se sente, quando ela não se sentir capaz de expressar em palavras, assim como o sociodrama, que pode ajudar essa criança a aprender padrões mais aceitos de comportamento nos meios em que está inserida, trazendo benefícios para sua integração no meio social (Chitra, 2019).

A capacitação para uso de recursos informacionais digitais também deve ser uma prioridade para que o profissional possa aplicá-los com crianças que tenham mais facilidade de desenvolvimento com este tipo de recurso (Lorah; Parnell, 2017; Abraham et al., 2021 apud Martinec; Simunovic; Jerkovic, 2022), uma vez que uma das principais características da biblioterapia é a possibilidade de adaptá-la para o formato que promova o melhor desenvolvimento da criança e grande parte das crianças com transtorno do espectro autista também apresentam algum grau de superdotação, ao que o profissional deve se adaptar para que o conteúdo ou a forma de aplicá-lo não se tornem monótonos ou de pouco interesse para a criança.

Por fim, é de extrema importância a experiência prática de atuação na área, supervisionada por profissionais já qualificados que possam guiar os novos profissionais durante as suas primeiras aplicações para que esses saibam como e quando intervir da forma correta para o melhor desenvolvimento da criança, sem acabar podendo algum aspecto do comportamento ou alguma expertise que essa possua por este não se adequar ao esperado no padrão escolhido para se trabalhar.

As áreas que se mostram como mais importantes para a capacitação em biblioterapia são apresentadas na tabela a seguir, assim como os trabalhos que as apontam como importantes.

Tabela 1: áreas a serem abordadas em uma capacitação em biblioterapia

Área de capacitação	Autores que abordam o tema
Biblioterapia	Teixeira (2017), Ferreira (2003), Zanon;Backes; Bosa (2017), Gavigan;Kurtts (2011), Correa; Spudeit (2013), Akgun; Belli (2019)
Técnicas de aplicação	Akgun; Belli (2019), Martinec; Simunovic; Jerkovic (2022), Chitra (2019), Ferreira (2003), Foley-Nicpon; Assouline (2010)
Educação	Martinec; Simunovic; Jerkovic (2022), Teixeira (2017), Bosa (2006), Chitra (2019)
Tecnologias	Martinec; Simunovic; Jerkovic (2022), Camillo; Jesus; Castro Filho (2019), Gomes; Lima; Bueno; Araujo; Souza (2015)
Psicologia da educação	Teixeira (2017), Ferreira (2003),
Psicopedagogia	Foley-Nicpon; Assouline (2010), Teixeira (2017), Lampreia (2007)
Cuidados físicos	Schmidt;Bosa (2003)
Prática	Sugerida no plano de ensino da disciplina biblioterapia da UFSC

Fonte: elaboração própria

7. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Partindo da necessidade de criação de uma capacitação direcionada para bibliotecários para atuação em ambiente escolar com alunos portadores do Transtorno do Espectro Autista, segue como apêndice (Apêndice A) uma sugestão de modelo que pode ser adaptado para a criação de tal capacitação.

O objetivo geral do presente trabalho foi o de identificar o conteúdo apropriado para uma capacitação em Biblioterapia para bibliotecários trabalharem em ambiente escolar com crianças portadoras de TEA, para chegar a um escopo geral do que é necessário ser abordado em tal capacitação.

Primeiramente foi necessário compreender como funciona a biblioterapia, as características do transtorno e de que forma esse tipo de intervenção poderia ser utilizado como tratamento adjacente para crianças com esta condição. Para isso foi feita uma extensa busca por modelos de aplicação de biblioterapia (apêndice B) e analisadas formas nas quais estes poderiam ser adaptados para aplicação em crianças com TEA no ambiente escolar. Após compreender as formas de aplicação existentes, foi criado um modelo de plano de ensino que pode ser usado para o desenvolvimento de um curso de capacitação para bibliotecários para esta atuação.

Fazem-se necessárias mais pesquisas e aprimoramento do modelo proposto de capacitação para que este seja implementado na prática, assim como maior atenção à importância do desenvolvimento de capacitações do tipo para profissionais bibliotecários que atuem em outros ambientes, além do escolar, como por exemplo em bibliotecas públicas, comunitárias ou até mesmo em bibliotecas universitárias ou em centros de tratamento para males físicos ou psicológicos uma vez que a biblioterapia já se mostrou como forma de tratamento adjacente eficiente em ambos os casos.

8. REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AKGÜN, E; BELLI, G. Bibliotherapy with Preschool Children: A Case Study. **Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar-Current Approaches in Psychiatry**, Turquia, n. 11, v. 1, p.100-111, 2019.

BERTUCCI, J. L. O. **Metodologia básica para elaboração de Trabalhos de conclusão de curso (TCC): ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação lato sensu**. São Paulo: Atlas, 2008. 116 p.

BOSA, C. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 1, p. 47-53, 2006.

CAMILLO, E.; JESUS, M.; CASTRO FILHO, C.. Rede de Bibliotecas Escolares: discursos sobre a importância da manutenção de recursos. **Páginas a&b**, São Paulo – Brasil, v.3, n.12, p. 88-107, 2019.

CHITRA, C. I.; NOOR, M. Development of guidance and counseling's model services with bibliotherapy techniques to improve prosocial behavior for student of primary school. **IOP Conf. Journal of Physics: Conf. Series**, 1179(1), 012060, 2019.

CORREA, E.; SPUDEIT, D. A interdisciplinaridade entre Biblioteconomia, Educação e Sociologia nos cursos de graduação da Região Sul do Brasil. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Rio Grande do Sul – Brasil, v. 19, n.2, p. 364-395, Jul./Dez. 2013.

FERREIRA, D. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, São Paulo – Brasil, v.4, n.2, p. 35-47, jun. 2003

FOLEY-NICPON, M.; ASSOULINE, S. Atendiendo a las necesidades de estudiantes talentosos con trastornos del espectro de autismo: aproximaciones diagnósticas, terapéuticas y psicoeducativas. **Psicoperspectivas individuo y sociedad**, v. 9, n. 2, p. 202-223, 2010.

GAVIGAN, K; KURTTS, S. Using Children's and Young Adult Literature in Teaching Acceptance and Understanding of Individual Differences. **Morality in Education**, n. 1, p. 11-16, 2011.

GOMES, P. T.; LIMA, L. H.; BUENO, M. K.; ARAÚJO, L. A.; SOUZA, N. M. Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies. **Journal of Pediatric**, Rio de Janeiro, v. 91, n. 1, p. 111-121, 2015.

LAMPREIA, C. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. **Estudos de psicologia**, v. 24, n. 1, p. 105-114, 2007.

MARTINEC, R.; ŠIMUNOVIĆ, D; JERKOVIĆ, V. Various aspects of using bibliotherapy in the field of education and rehabilitation. **Hrvatska revija za rehabilitacijska istraživanja**, Croacia, v.58, n. 1, p. 87-103, 2022

SCHMIDT, C.; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**, Rio Grande do Sul – Brasil, v.7, n.2, p. 111-120, 2003

TEIXEIRA, D. **Biblioterapia e Psicologia da Educação: Avaliação de um programa de intervenção (com crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico)**. 2017. 104 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Universidade da Madeira, Funchal, Portugal, 2017.

Universidade de Brasília. **Plano de ensino do curso de Introdução aos Processos Estocásticos**. Brasília, 2019. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.ene.unb.br/gaborges/disciplinas/pe/PlanoPE.pdf>

Universidade de Brasília. **Plano de ensino da disciplina Metodologia do curso de Mestrado do Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais**. Brasília, 2016. Documento eletrônico. Disponível em: http://ppgcont.unb.br/images/Planos_de_ensino/Metodologia-de-Pesquisa-aplicada-a-Contabilidade_2016-1_prof-Mariana-Guerra.pdf

ZANON, R.; BACKES, B.; BOSA, C. Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais, familiares e da criança. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo, SP, jan.-abr.2017. v.19 n.1 p.164-175

9. APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano de ensino para modelo de capacitação em biblioterapia para atuação em ambiente escolar com crianças portadoras do transtorno do espectro autista.

Disciplina: BIBLIOTERAPIA APLICADA AO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia

Universidade de Brasília - Faculdade de Ciências da Informação

Professor(a): a definir

e-email: a definir



Plano de Ensino

1. Objetivo

O objetivo do curso é capacitar bibliotecários para atuação em biblioterapia aplicada a crianças portadoras do transtorno do espectro autista (TEA), principalmente para intervenção em ambiente escolar.

2. Metodologia de ensino

O curso será composto de aulas teóricas e práticas divididas em 5 blocos, sendo 3 desses teóricos e 2 práticos. Cada bloco corresponderá a um tipo de habilidade necessária para o bibliotecário atuar com a biblioterapia em ambiente escolar com crianças portadoras do transtorno do espectro autista. As aulas serão ministradas em formato de palestras por profissionais de cada área mencionada para garantir que o discente tenha acesso a conhecimentos que por vezes não podem ser transmitidos apenas através de conhecimento teórico.

3. Módulos

O conteúdo do curso será dividido em 5 módulos alguns dos quais serão teóricos e outros serão práticos ou híbridos:

1º módulo – Conceitos, aplicações e papel do bibliotecário na biblioterapia e sua aplicação ao TEA

2º módulo – Psicopedagogia e psicologia da educação

3º módulo – O bibliotecário enquanto educador

4º módulo – Cuidados e intervenções físicas com a criança com TEA

5º módulo - Prática supervisionada

4. Avaliações

Os módulos teóricos serão avaliados a partir de provas discursivas e individuais que irão compor 30% da nota total.

Os módulos práticos ou híbridos serão avaliados com base na atuação e participação do discente e irão compor 50% da nota total.

Os outros 20% da nota final serão divididos em atividades de fixação realizadas após cada palestra, podendo estas serem em formato de atividades com questões objetivas ou a entrega de resumos ou fichamentos sobre o tópico da palestra, e a participação durante a apresentação das mesmas.

5. Conteúdo Programático

Módulo	Seminário	Tema	Bibliografia
1	1	O que é e como aplicar a biblioterapia	a ser sugerida pelo palestrante
	2	Como selecionar obras para uso na biblioterapia	a ser sugerida pelo palestrante
	3	Técnicas de aplicação de biblioterapia	a ser sugerida pelo palestrante
	4	Biblioterapia no contexto escolar	a ser sugerida pelo palestrante
2	5	Compreendendo e trabalhando com o TEA	a ser sugerida pelo palestrante
	6	A participação da família no processo da biblioterapia	a ser sugerida pelo palestrante
	7	Biblioterapia aplicada ao Transtorno do Espectro Autista	a ser sugerida pelo palestrante
	8	Psicodrama e socio drama como ferramentas na biblioterapia	a ser sugerida pelo palestrante
3	9	Conscientização sobre TEA para crianças e pais e prevenção ao bullying	a ser sugerida pelo palestrante
	10	Reforço escolar através da biblioterapia	a ser sugerida pelo palestrante

	11	Teatro e sua aplicação na biblioterapia	a ser sugerida pelo palestrante
	12	Tecnologias como intervenção biblioterapêutica em crianças com TEA	a ser sugerida pelo palestrante
4	13	Prática: Como lidar com crises no TEA	a ser sugerida pelo palestrante
	14	Prática: cuidados físicos com a criança com graus severos de TEA	a ser sugerida pelo palestrante
5	15	Prática: Aplicação supervisionada de práticas biblioterapêuticas	a ser sugerida pelo palestrante

6. Bibliografia Básica

A bibliografia a seguir será de leitura obrigatória, podendo ser inseridos novos materiais a pedido dos palestrantes, fato que será informado com antecedência para que a turma se programe para a leitura do mesmo e participação na palestra.

BOSA, C. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 1, p. 47-53, 2006.

GAVIGAN, K; KURTTS, S. Using Children's and Young Adult Literature in Teaching Acceptance and Understanding of Individual Differences. **Morality in Education**, n. 1, p. 11-16, 2011.

MARTINEC, R; ŠIMUNOVIĆ, D; JERKOVIĆ, V. Various aspects of using bibliotherapy in the field of education and rehabilitation. **Hrvatska revija za rehabilitacijska istraživanja**, Croacia, v.58, n. 1, p. 87-103, 2022

TEIXEIRA, D. **Biblioterapia e Psicologia da Educação: Avaliação de um programa de intervenção (com crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico)**. 2017. 104 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Universidade da Madeira, Funchal, Portugal, 2017.

APÊNDICE B – Modelos de aplicação de biblioterapia em ambiente escolar

Modelos de aplicação de Biblioterapia sugeridos na literatura para aplicação em ambiente escolar

Diversos autores propõem modelos de aplicação e trazem passos importante para o desenvolvimento da biblioterapia. Foram selecionados alguns que podem ser aplicados em ambiente escolar e adaptados para atuação com crianças com TEA. Por se tratarem de modelos de aplicação que trazem diversos passos semelhantes foi selecionado para apresentação neste trabalho o modelo de AKGÜN e BELLI (2019) por se tratar de um modelo mais abrangente e de melhor adaptação para a aplicação na biblioterapia.

1. MARTINEC, R; ŠIMUNOVIĆ, D; JERKOVIĆ, V. Various aspects of using bibliotherapy in the field of education and rehabilitation. **Hrvatska revija za rehabilitacijska istraživanja**, Croacia, v.58, n. 1, p. 89, 2022 (Tradução livre)
 - Desenvolver relacionamentos e confiança com o aluno
 - Identificar outros funcionários da escola que possam prestar assistência
 - Buscar apoio dos pais ou responsáveis do aluno
 - Definir problemas específicos que o aluno está enfrentando
 - Definição de metas e atividades
 - Selecionar livros apropriados para a situação
 - Usar cuidado e reflexão ao apresentar ao aluno um texto literário
 - Incorporar atividades de leitura (vocabulário, frases, resumos, registro no diário)
 - Realização de atividades pós-leitura (discussão e vários projetos criativos de pós-leitura)
 - Avaliar os efeitos da biblioterapia.

2. CHITRA, C. I.; NOOR, M. Development of guidance and counseling's model services with bibliotherapy techniques to improve prosocial behavior for student of primary

school. **IOP Conf. Journal of Physics: Conf. Series**, 1179(1), 012060, 2019.

(Tradução livre)

Resultados da Formulação de Modelo de Serviços de Orientação e Aconselhamento

A visão e missão contêm uma formulação explícita e implícita do que se espera do resultado da implementação do modelo de serviço de aconselhamento e orientação para o desenvolvimento social com técnicas biblioterapêuticas para melhorar o comportamento pró-social.

Aplicar o modelo de serviços de orientação e aconselhamento no ensino fundamental, geralmente orientados para problemas pessoais e sociais. Em particular, este modelo se concentra no aumento da empatia, da cooperação, da ajuda e do benefício ou da vontade de partilhar.

O apoio do sistema está relacionado aos componentes que apoiam a implementação do modelo de serviço de orientação e aconselhamento no ensino fundamental, que inclui o desenvolvimento de programas, o desenvolvimento de pessoal e a política escolar.

Os procedimentos de atendimento para orientação de aconselhamento no ensino fundamental com técnicas biblioterápicas compreendem as etapas realizadas no processo de orientação. Consiste em quatro etapas: as etapas de recrutamento, treinamento, implementação e avaliação.

Indicadores de avaliação e sucesso constituídos por instrumentos de comportamento pró-social realizados antes (avaliação inicial) e depois (avaliação final) da implementação de serviços de orientação e aconselhamento no ensino básico

3. AKGÜN, E; BELLI, G. Bibliotherapy with Preschool Children: A Case Study.

Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar-Current Approaches in Psychiatry, Turquia, n. 11, v. 1, p.100-111, 2019. (Tradução livre)

- Estabelecer um relacionamento positivo e desenvolver confiança com os alunos.
- Determinar o pessoal escolar que pode ajudar.
- Obter apoio dos pais dos alunos.
- Definir o problema vivenciado pelo aluno.
- Estabelecer metas para resolver o problema em questão.

- Selecionar o livro apropriado para a situação.
- Apresentar o livro à criança.
- Implementar processo de leitura.
- Implementar atividades pós-leitura.
- Avaliação dos resultados.

4. FERREIRA, D. Biblioterapia: uma pratica para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, São Paulo – Brasil, v.4, n.2, p. 35-47, jun. 2003
(tradução livre)

- Deve escolher um local adequado para a realização das reuniões do grupo;
- Deve ter tido um treinamento adequado e estar capacitado para conduzir as discussões do grupo;
- Deve formar grupos homogêneos para leitura e discussão de temas previamente escolhidos
- Deve preparar listas de material bibliográfico adequadas às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidades a nível cultural e social dos participantes;
- Mesmo que não haja aplicação de terapia ou psicoterapia, como em alguns casos de biblioterapia para crianças, é necessário estabelecer uma situação de ajuda entre o bibliotecário e o usuário, a partir daí será possível elaborar um programa estruturado;
- O bibliotecário ou biblioterapeuta, deve usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado;
- Deve selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;
- Deve selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema, como poesias sobre suicídios, por exemplo;

- Deve selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da pessoa, sua capacidade individual de leitura e suas preferências culturais e individuais e;
 - Deve selecionar material impresso e não impresso na mesma medida.
5. FOLEY-NICPON, M.; ASSOULINE, S. Atendiendo a las necesidades de estudiantes talentosos con trastornos del espectro de autismo: aproximaciones diagnósticas, terapéuticas y psicoeducativas. **Psicoperspectivas individuo y sociedad**, v. 9, n. 2, p. 202-223, 2010. (Tradução livre)

Abaixo apresentamos uma compilação de três trabalhos que abordam diretamente as necessidades de alunos superdotados com TEA em centros educacionais (Assouline, et al., 2008; Assouline, Foley Nicpon e Bramer, 2006; Foley Nicpon, et al., no prelo):

- Abordar as altas habilidades dos alunos por meio da aceleração e/ou geração de oportunidades de enriquecimento, como mentoria em sua área de talento. Ao mesmo tempo, ajudar os alunos no acesso a intervenções e serviços de apoio para resolver dificuldades de aprendizagem. Será importante que profissionais e educadores especializados na educação de alunos superdotados trabalhem juntos para integrar o planejamento do desenvolvimento de talentos, bem como das dificuldades educacionais e comportamentais.
- Incentivar os estudantes que obtenham elevadas qualificações acadêmicas a buscarem de talentos universitários. As pesquisas de talentos proporcionam aos alunos a oportunidade de fazer um teste de desempenho superior, o que pode ajudar alunos, pais e professores a descobrir pontos fortes acadêmicos, a fim de alcançar uma melhor integração entre o desenvolvimento acadêmico e o nível de habilidade do aluno (Lupkowski-Shoplik, Benbow, Assouline, Brody, 2003). É uma forma muito eficaz de participar na identificação de competências importantes em áreas específicas. Nos Estados Unidos, a busca de talentos é oferecida em uma ampla variedade de universidades.
- Ajudar os alunos a aumentar a autoconsciência de seus pontos fortes e fracos. Isto, por sua vez, para promover as competências de auto representação e de resolução de problemas de que necessitarão à medida que transitam para a idade adulta. Seguindo um

caminho semelhante, ajudar os alunos e os seus pais planejando o ensino superior e a escolha profissional dos alunos. Trabalhe com os alunos para identificar maneiras de aplicar seus talentos e identificar áreas de interesse à luz de suas habilidades. Por exemplo, os professores podem envolver os alunos em conversas sobre a sua escolha universitária enquanto trabalham com eles para resolver problemas de formas de lidar com as suas deficiências durante a sua educação universitária. Da mesma forma, seria útil que os professores se familiarizassem com os serviços prestados aos alunos com deficiência nas diversas instituições de ensino superior, bem como com os programas concebidos especificamente para alunos com TEA.

- Para alunos com TEA de alta habilidade que apresentam capacidade de processamento cognitivo mais lenta, deve-se considerar a realização de testes sem limite de tempo, bem como diminuir a ênfase na velocidade de execução. Além disso, deve-se considerar a possibilidade de permitir tempo na aula para que os alunos reflitam sobre suas respostas antes de responder, completando assim as tarefas em sala de aula. Mas acima de tudo, enfatize a qualidade em vez da quantidade de tarefas ou atividades e fazer elogios verbais para incentivar a persistência nas tarefas.
- Comunicar-se com os alunos de forma clara e direta e manter as expectativas da sala de aula explicitamente comunicadas por meio de anúncios em sala de aula.
- Descreva as etapas necessárias para atingir objetivos específicos. Os prazos para atingir as metas podem ser planejados com os alunos para ajudá-los a esclarecer como tais metas podem ser alcançadas de forma realista.
- Para alunos com problemas motores finos, vale a pena considerar algumas acomodações. Por exemplo, existem diversas opções de tecnologias de assistência disponíveis, como reconhecimento de voz ou programas de processamento de texto, que devem ser introduzidos no início do planejamento educacional do aluno. Quando os alunos fizerem testes padronizados, considere permitir que eles respondam em cadernos de testes em vez de preencher uma folha de respostas. Quando possível, permita que os alunos compartilhem anotações, diminuindo o estresse de ter que fazer anotações rapidamente, e forneça cópias das anotações da aula antes da discussão.
- Considere encaminhamentos para profissionais que possam ser úteis no tratamento de dificuldades específicas, como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos e psiquiatras.

- Para alunos com dificuldades de atenção, dicas não-verbais entre o professor e o aluno podem ajudar a redirecionar a atenção nos momentos em que ele não está prestando atenção. Esta abordagem não invasiva é preferível a chamar a atenção para o comportamento do aluno na frente de todos os seus colegas.
- Existem várias formas de os professores utilizarem os interesses especiais dos alunos de uma forma positiva. Por exemplo, os professores podem controlar o acesso a interesses ou atividades durante o dia, planejando um horário para o aluno realizar sua atividade preferida ou permitindo que o aluno realize um projeto especial de interesse pessoal.
- Estabeleça um ambiente de apoio e colaboração entre pares para reduzir o comportamento de *bullying*. A decisão de compartilhar determinados aspectos diagnósticos com os colegas é uma decisão pessoal que pode ser examinada com o aluno e seus pais ou responsáveis.
- Para ajudar os alunos que têm dificuldades de adaptação às mudanças, notificá-los sobre mudanças no planejamento de atividades e de pessoal é fundamental para que não fiquem muito surpresos com essas modificações. Algumas maneiras de ajudar os alunos que têm problemas com mudanças incluem o uso de cartões ilustrados ou cronômetros.
- Para alunos superdotados e talentosos com TEA que apresentam reações comportamentais intensas em momentos de frustração, proporcionar um local seguro dentro ou fora da sala de aula, onde um adulto que o tranquilize possa estar presente, é uma adaptação importante para que a segurança da criança e aqueles ao seu redor. Atendendo as necessidades de alunos talentosos com transtorno do espectro autista.
- De uma perspectiva mais sistêmica, os indivíduos podem alcançar efeitos mais duradouros defendendo reformas escolares e desenvolvendo políticas públicas, de modo que as necessidades dos alunos superdotados com TEA sejam levadas ao conhecimento dos administradores educacionais. A verdadeira mudança para a criança duplamente excepcional só virá depois de ter maior conhecimento e consciência sobre as necessidades dos alunos superdotados com TEA. Dado que a maioria dos professores fora da educação para superdotados não está familiarizada com o conceito de “duas vezes excepcional” em geral, ou especificamente com o conceito de TEA (Assouline & Foley Nicpon, 2007), é necessário fornecer serviços de oficinas para funcionários da escola., bem como a integração do “duas vezes excepcional” nos objetivos de desenvolvimento profissional de todo o sistema educativo.

10. ANEXO

ANEXO A – Plano de ensino da disciplina biblioterapia disponibilizada na Universidade Federal de Santa Catarina.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – CIN CAMPUS
UNIVERSITÁRIO- TRINDADE
CEP: 88040-970 - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
Fone: (048) 3721-4075 e (048) 3721- 9304

PROGRAMA DE ENSINO

IDENTIFICAÇÃO Disciplina: CIN5032 Biblioterapia

Carga Horária: 36 H/A - 2 créditos

Oferta: Disciplina Optativa do Curso de Graduação em Biblioteconomia

EMENTA

Conceitua e apresenta o fundamento filosófico da biblioterapia. Aponta os objetivos e as aplicações da Biblioterapia. Apresenta o método biblioterapêutico.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Capacitar o acadêmico a utilizar a leitura como atividade biblioterapêutica.

2.2 Objetivos Específicos

2.2.1 Apreender o sentido do termo biblioterapia;

2.2.2 Conhecer o histórico da biblioterapia;

2.2.3 Compreender o fundamento filosófico da biblioterapia;

2.2.4 Entender os objetivos da biblioterapia;

2.2.5 Verificar as aplicações da biblioterapia;

2.2.6 Dominar as técnicas do método biblioterapêutico;

2.2.7 Aplicar a biblioterapia em diversas instituições com crianças, jovens, adultos e idosos.

3 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

3.1 Parte teórica

3.1.1 Conceito

3.1.2 Histórico

- 3.1.3 Fundamento filosófico
- 3.1.4 Objetivos
- 3.1.5 Aplicações
- 3.1.6 Método biblioterapêutico

3.2 Parte prática

- 3.2.1 Organizar um projeto de atividades biblioterapêuticas
- 3.2.2 Executar atividades de biblioterapia em instituição previamente selecionada

4 BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo (SP): M. Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e literatura**. Tradução de Álvaro Lorencini; Sandra Nitini. São Paulo (SP): Cultrix, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BETTELHEIM, Bruno. **Na terra das fadas: análise das personagens femininas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis, Vozes. 2006.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na Literatura Infantil**; (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

_____. **A leitura e o leitor: uma relação dialógica**. São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 2001.

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais dos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998-1999. 2 v.

CRUZ, Maria Aparecida Lopes de. **Biblioterapia de desenvolvimento pessoal: um programa para adolescentes de periferia**. 1995. 147f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1995.

DOHME, Vânia D'Ângelo. **Técnicas de contar histórias**. 8. ed. São Paulo: Informal, 2005.

DUFOUR, Michel. **Contos para curar e crescer: alegorias terapêuticas**. Tradução de Alice Mesquita. São Paulo, Ground, 2005.

FERNÁNDEZ VÁSQUEZ, Maria do Socorro Azevedo. **Biblioterapia para idosos: um estudo de caso no Lar da Previdência “Carneiro da Cunha”**. 1989. 130f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1989.

FREIRE, António. **A catarse em Aristóteles**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1982.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GILLIG, Jean-Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria de efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Tradução de Amanda Orlando/ Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: psicossociologia e Filosofia**. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1990.

NASCIMENTO, Elzi; QUINTA, Elzita Melo. **Terapia do riso**. 5. ed. São Paulo: Harbra, c 1998.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil: voz de criança**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PEREIRA, Ana Maria Gonçalves dos Santos. **Leitura para enfermos: uma experiência em hospital psiquiátrico**. 1987. 110f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1987.

PEREIRA, Marília m. Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. . **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro (RJ): J. Zahar, c1998.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1006.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. Florianópolis: ACB/Habitus, 2006.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil.** 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias.** Chapecó: Argos, 2001.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias:** para as crianças, pelas crianças. São Paulo: Cultrix, 2005.

VALADARES, Alexandre Arbex. **O livro.** Ilustrações de Felipe Sússekind. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001;

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: _____. (Org.). **Leitura e psicologia.** Campinas; Alínea, 2004. p. 182-198. (Coleção Psicotemas).